

Profº Júlio Pimentel

História da América Independente I

Texto 2 / 11 Cópias

Simón Bolívar

Organizadores: Manoel Lelo Bellotto
Anna Maria Martínez Corrêa

POLÍTICA

ea
editora atlas

"Carta de Jamaica" * 3

Kingston, 6 de setembro de 1815.

Resposta de um americano meridional a um cavalheiro desta ilha.

Apresso-me em responder à carta de 29 do mês passado que V. S.^a fez a honra de dirigir-me e que eu recebi com a maior satisfação.

Sensível, como devo, ao interesse que V. S.^a tomou pelo destino de minha pátria, afligindo-se com ela pelos tormentos que padece, desde seu descobrimento até estes últimos tempos, da parte dos seus destruidores, os espanhóis, não sinto menos o comprometimento que me colocam as solícitas perguntas que V. S.^a me dirige sobre as questões mais importantes da política americana. Assim, encontro-me num conflito, entre o desejo de corresponder à confiança com que V. S.^a me distingue e o impedimento de satisfazê-la, seja pela falta de documentos e livros, seja pelos limitados conhecimentos que tenho de uma terra tão imensa, variada e desconhecida como o Novo Mundo.

Em minha opinião é impossível responder às perguntas com que V. S.^a me honrou. Mesmo o barão de Humboldt, com sua universalidade de conhecimentos teóricos e práticos, dificilmente o faria com exatidão, porque, ainda que uma parte da estatística e revolução da América seja conhecida, atrevo-me a assegurar que a maior parte está obscura e, em consequência, apenas se podem oferecer conjecturas mais ou menos aproximadas, sobretudo no que diz respeito ao destino futuro e aos verdadeiros projetos dos americanos; pois, se tantas combinações nos fornece a história das nações, de tantas outras é suscetível a nossa, pela sua posição física, pelas vicissitudes da guerra e pelos cálculos da política.

Como me sinto obrigado a prestar atenção à apreciável carta de V. S.^a, não menos do que aos seus filantrópicos objetivos, animo-me a dirigir-lhe estas linhas, nas quais certamente não achará V. S.^a as idéias luminosas que deseja, mas sim as ingênuas expressões dos meus pensamentos.

"Há três séculos", diz V. S.^a, "que começaram as barbaridades que os espanhóis cometeram no grande hemisfério de Colombo". Barbaridades que a presente era rechaçou como fabulosas, porque parecem superiores à perversidade humana — jamais seriam acreditadas pelos críticos modernos se constantes e repetidos documentos não testemunhassem estas infaustas verdades. O filantrópico bispo de Chiapas, o apóstolo da América, Las Casas, legou à posteridade uma breve relação delas, extraídas dos sumários levados a Sevilha após os conquistadores,

* Reproduzido de BOLÍVAR, Simón. *Obras completas*. v. I, p. 159-74.

3 A "Carta de Jamaica" é conhecida também por "Carta Profética".

com o testemunho de quantas pessoas respeitáveis havia então no Novo Mundo e com os processos mesmos que os tiranos fizeram entre si, como testemunham os mais sublimes historiadores daquele tempo. Todos os que são imparciais fizeram justiça ao zelo, sinceridade e virtudes daquele amigo da humanidade, que com tanto fervor e firmeza denunciou, diante de seu governo e seus contemporâneos, os atos mais horrosos de um frenesi sanguinário.

Com que grata emoção leio a passagem da carta de V. S.^a em que me diz "que espera que os sucessos que se seguiram então às armas espanholas, acompanhem agora as de seus contrários, os muito oprimidos americanos meridionais"! Eu tomo esta esperança por uma predição, se a justiça decide as contendas dos homens. O sucesso coroará nossos esforços porque o destino da América se fixou de maneira irrevogável; o laço que a unia à Espanha está cortado: a opinião era toda sua força, por ela estreitavam-se mutuamente as partes daquela imensa monarquia; o que antes as enlaçava, hoje as divide; maior é o ódio que nos inspirou a península do que o mar que nos separa dela; menos difícil é unir os dois continentes do que reconciliar os espíritos de ambos. O hábito à obediência, um comércio de interesses, de luzes, de religião, uma recíproca benevolência, uma terna atenção pelo berço e pela glória de nosso país, enfim, tudo o que formava nossa esperança, nos vinha de Espanha. Daqui nascia um princípio de adesão que parecia eterno apesar de a conduta de nossos dominadores afrouxar esta simpatia ou, melhor dizendo, este apego forçado pelo império da dominação. Presentemente ocorre o contrário: a morte, a desonra, tudo quanto é nocivo nos ameaça e tememos, tudo sofremos dessa desnaturalizada madrastra. O véu foi rasgado, já vimos a luz, e querem nos devolver às trevas; romperam-se os grilhões, já fomos livres, e nossos inimigos pretendem novamente escravizar-nos. Por isso, a América combate desesperadamente, e raras vezes o desespero não acarreta a vitória.

Porque os sucessos tenham sido parciais e alternados não devemos desconfiar da sorte. Numas regiões triunfam os independentes enquanto os tiranos, em outros lugares, obtêm suas vantagens; e qual é o resultado final? não está todo o Novo Mundo comovido e armado para sua defesa? Olhemos e veremos uma luta simultânea na imensa extensão deste hemisfério.

O belicoso estado das províncias do rio da Prata purificou seu território e conduziu suas armas vencedoras ao Alto Peru, comovendo Arequipa e inquietando os realistas de Lima. Cerca de um milhão de habitantes desfruta ali de sua liberdade.

O reino do Chile, povoado por oitocentas mil almas, está lutando contra inimigos que pretendem dominá-lo, mas em vão, porque os que antes findaram suas conquistas, os indômitos e livres araucanos, ali

modificação na relação de

Bolívia

Chile

habitam e são seus compatriotas; seu exemplo sublime é suficiente para provar-lhes que o povo que ama sua independência finalmente a consegue.

O vice-reinado do Peru, cuja população sobe a um milhão e meio de habitantes, é, sem dúvida, o mais submisso e do qual mais sacrifícios se têm arrancado para a causa do rei; embora sejam frágeis as informações sobre aquela parte da América, é fora de dúvida que não está tranqüila, nem é capaz de se opor à torrente que ameaça as demais províncias.

A Nova Granada, que é, por assim dizer, o coração da América, obedece a um governo geral, excetuando o reino de Quito — que com a maior dificuldade contém seus inimigos por ser fortemente ligado à causa de sua pátria — e as províncias de Panamá e Santa Marta que sofrem, não sem dor, a tirania de seus senhores. Dois milhões e meio de habitantes estão espalhados por aquele território que atualmente defendem contra o exército espanhol sob o comando do general Morillo, que é possível sucumba diante da inexpugnável praça de Cartagena. Mas se a tomar será à custa de grandes perdas, e logo carecerá de forças suficientes para subjugar os morigerados e bravos moradores do interior.

Quanto à heróica e infeliz Venezuela, os acontecimentos têm sido tão rápidos e as devastações tais que quase a reduziram a uma absoluta indigência e a uma solidão espantosa, apesar de ter sido um dos mais belos países de quantos faziam o orgulho da América. Seus tiranos governam um deserto; só oprimem tristes restos que, escapados da morte, alimentam uma precária existência: algumas mulheres, crianças e velhos são os que permanecem. Os demais homens pereceram por não serem escravos, e os que vivem, combatem com furor nos campos e nas aldeias internas até morrer ou conseguir lançar ao mar aqueles que, insaciáveis de sangue e de crimes, rivalizam com os primeiros monstros que fizeram desaparecer da América sua raça primitiva. Cerca de um milhão de habitantes se contava na Venezuela, e, sem exagero pode-se assegurar que uma quarta parte foi sacrificada pela terra, pela espada, pela fome, pela peste e pelas migrações — com exceção do terremoto, tudo o mais é resultado da guerra.

Na Nova Espanha havia, em 1808, conforme nos informa o barão de Humboldt, 7.800.000 almas, incluindo-se a Guatemala. Desde aquela época, a insurreição que agitou quase todas suas províncias fez diminuir sensivelmente aquele cômputo — que parece exato —, pois mais de um milhão de homens pereceu, como poderá V. S.^a ver na exposição de mr. Walton, que descreve com fidelidade os sanguinários crimes cometidos naquele opulento império. Ali a luta se mantém à custa de sacrifícios humanos e de toda espécie, pois nada respeitam os espanhóis desde que consigam submeter os que tiveram a desgraça de nascer neste solo, que parece destinado a empapar-se com o sangue de seus filhos.

Apesar de tudo, os mexicanos serão livres, porque abraçaram o partido da pátria, com a resolução de vingar seus antepassados ou segui-los ao sepulcro. Já dizem com Raval: chegou o tempo, finalmente, de pagar aos espanhóis o suplicio com suplicios e de afogar essa raça de exterminadores em seu sangue ou no mar.

As ilhas de Porto Rico e Cuba, que entre ambas podem formar uma população de 700 a 800.000 almas, são as que mais tranqüilamente possuem os espanhóis, porque estão fora do contato com os independentes. Mas não são americanos estes insulares? não são humilhados? não desejam seu bem-estar?

Este quadro representa uma escala militar de 2.000 léguas de longitude e 900 da latitude em sua maior extensão, em que 16.000.000 de americanos defendem seus direitos ou estão oprimidos pela nação espanhola, que, embora tenha sido em algum tempo o mais vasto império do mundo, é agora impotente para dominar o novo hemisfério e até para manter-se no antigo. E a Europa civilizada, comerciante e amante da liberdade, permite que uma velha serpente, para apenas satisfazer sua sanha envenenada, devore a mais bela parte de nosso globo? O quê! está a Europa surda ao clamor de seu próprio interesse? Já não tem olhos para ver a justiça? Tanto endureceu, para ser desse modo insensível? Estas questões, quanto mais as medito, mais me confundem; chego a pensar que se aspira a que desapareça a América; mas é impossível, porque toda a Europa não é a Espanha. Que demência a da nossa imiga, pretender reconquistar a América, sem marinha, sem tesouro e quase sem soldados! Pois o que ela tem dificilmente bastarão para reter seu próprio povo numa violenta obediência e defender-se de seus vizinhos. Por outro lado, poderá esta nação fazer o comércio exclusivo da metade do mundo, sem manufaturas, sem produções territoriais, sem artes, sem ciências, sem política? Conseguida que fosse esta louca empresa e, supondo mais ainda, conseguida a pacificação, os filhos dos atuais americanos, unidos com os dos europeus reconquistadores, não voltariam a formar dentro de vinte anos os mesmos patrióticos desígnios que agora estão combatendo?

A Europa faria bem à Espanha em dissuadi-la de sua obstinada temeridade, porque esta, ao menos, economizaria os gastos que expende e o sangue que derrama, a fim de, fixando sua atenção em seus próprios recintos, fundar sua prosperidade e poder sobre bases mais sólidas do que as de incertas conquistas, um comércio precário e exações violentas sobre povos distantes, inimigos e poderosos. A Europa mesma, visando a uma política sadia, deveria ter preparado e executado o projeto da independência americana, não só porque o equilíbrio do mundo assim o exige, mas porque este é o meio legítimo e seguro de adquirirem-se estabelecimentos ultramarinos de comércio. A Europa, que não se encontra agitada pelas violentas paixões da vingança, ambição e cobiça, como a

Espanha, parece que estava autorizada por todas as leis da equidade a ilustrá-la sobre seus bem-entendidos interesses.

Todos os escritores que trataram da matéria estão de acordo neste ponto. Em conseqüência, esperávamos com razão que todas as nações cultas se apressariam a auxiliar-nos, para que adquiríssemos um bem cujas vantagens são recíprocas a ambos os hemisférios. Entretanto, que frustradas esperanças! Não apenas os europeus, mas também nossos irmãos do norte mantiveram-se imóveis expectadores desta luta, que, por sua essência, é a mais justa, e por seus resultados, a mais bela e importante de quantas ocorreram nos séculos antigos e modernos, pois até onde se pode calcular a transcendência da liberdade do hemisfério de Colombo?

"A felonía com que Bonaparte", diz V.S.^a, "prende Carlos IV e Fernando VII, reis desta nação, que três séculos aprisionou de forma traiçoeira aos monarcas da América meridional, é um ato manifesto da retribuição divina, e, ao mesmo tempo, uma prova de que Deus sustenta a justa causa dos americanos e lhes concederá sua independência".

Parece que V.S.^a quer aludir ao monarca do México — Montezuma — preso por Cortés e morto, segundo Herrera, pelo mesmo, embora Solís diga que foi morto pelo povo; e a Ataulpa, inca do Peru, destruído por Francisco Pizarro e Diego de Almagro. Tal é a diferença que existe entre a sorte dos reis espanhóis e dos reis americanos que não admite comparação: os primeiros são tratados com dignidade, preservados e, ao fim, recuperam sua liberdade e trono, enquanto os últimos sofrem tormentos inauditos e os vilipêndios mais vergonhosos. Se a Guatimozin, sucessor de Montezuma, se trata como imperador e se dá a coroa, tal foi por irrisão e não por respeito, para que sofresse este escárnio antes das torturas. Iguais à sorte deste monarca foram as do rei de Michoacán, Catzontzin, o zipa de Bogotá e de todos os toquis, imas, zipas, ulméns, caciques e demais dignidades indígenas que sucumbiram ao poder espanhol. A sorte de Fernando VII mais se parece à que teve no Chile, em 1535, o ulmé de Copiapó, então reinante naquela comarca. O espanhol Almagro pretextou, como Bonaparte, tomar partido pela causa do legítimo soberano e, em conseqüência, chamou-o usurpador, como Fernando o era em Espanha; aparentando restituir o legítimo soberano a seus Estados, terminou por agrilhoar e lançar às chamas ao infeliz ulmé, sem querer nem mesmo ouvir sua defesa. Este é o exemplo de Fernando VII com seu usurpador. Os reis europeus padecem apenas do desterro, o ulmé do Chile termina sua vida de um modo atroz.

"Depois de alguns meses", acrescenta V.S.^a, "fiz muitas reflexões sobre a situação dos americanos e suas esperanças futuras; tenho grande interesse em seus sucessos, mas faltam-me muitas informações relativas ao seu estado atual e ao que eles aspiram; desejo infinitamente saber da

política de cada província, como também de sua população: se desejam repúblicas ou monarquias, se formarão uma grande república ou uma grande monarquia? Toda notícia desta espécie que V.S.^a possa dar-me, ou indicar-me as fontes a que devo recorrer, considerarei como um favor particular".

valor liberal
Sempre as almas generosas interessam-se pela sorte de um povo que se esmera por recobrar os direitos com que o Criador e a natureza o dotaram; é necessário estar muito fascinado pelo engano ou pelas paixões para não abrigar esta nobre sensação. V.S.^a pensou no meu país e por ele se interessa; este ato de benevolência inspira-me o mais vivo reconhecimento.

Eu disse a população que se calcula por dados mais ou menos exatos, dados esses tornados falhos por mil circunstâncias difíceis de remediar, porque a maioria dos moradores têm habitações campestres e muitas vezes errantes, sendo lavradores, pastores, nômades, perdidos no meio dos espessos e imensos bosques, planícies solitárias e isoladas entre lagos e rios caudalosos. Quem será capaz de levantar uma estatística completa de semelhantes comarcas? Além dos tributos que pagam os indígenas, as penalidades dos escravos, as primícias, dízimos e direitos que pesam sobre os lavradores e outros acidentes distanciam de seus lares os pobres americanos. Isto sem fazer menção à guerra de extermínio que já seguiu cerca de um oitavo da população e afugentou uma outra grande parte; as dificuldades são insuperáveis e o recenseamento reduzir-se-á à metade do verdadeiro censo.

futuro de Am. interregno
Entretanto, torna-se mais difícil pressentir o destino futuro do Novo Mundo, estabelecer princípios sobre sua política e profetizar a natureza do governo que irá adotar. Qualquer idéia sobre o futuro deste continente parece-me temerária. Foi possível prever, quando o gênero humano se achava em sua infância, rodeado de tanta incerteza, ignorância e engano, qual seria o regime que abraçaria para sua preservação? Quem se atreveria a dizer: tal nação será república ou monarquia, esta será pequena e aquela grande? Em meu conceito, esta é a imagem de nossa situação. Somos um diminuto gênero humano; possuímos um mundo à parte, cercado por dilatados mares, novos em quase todas as artes e ciências, embora, de certo modo, seja velho nos costumes da sociedade civil. Considero o estado atual da América semelhante ao desmembrado império romano, em que cada parte formou um sistema político de acordo com seus interesses e situação ou seguindo a ambição particular de alguns chefes, famílias ou corporações; com esta notável diferença, porém: aqueles membros dispersos voltavam a restabelecer suas antigas nações com as alterações que exigiam as coisas ou os acontecimentos, enquanto nós apenas conservamos vestígios do que fomos em outros tempos. Por outra parte, não somos índios nem europeus,

mas uma espécie intermediária entre os legítimos proprietários do continente e os usurpadores espanhóis: em suma, sendo americanos por nascimento e nossos direitos os da Europa, temos de disputar estes aos do país e mantermo-nos nele contra a invasão dos invasores — encontramos, assim, na situação mais extraordinária e complicada. Apesar de ser uma forma de adivinhação indicar qual será o resultado da linha política que a América há de seguir, atrevo-me a aventurar algumas conjecturas que, desde logo, caracterizo de arbitrarias, ditadas por um desejo racional e não por um raciocínio provável.

A posição dos moradores do hemisfério americano foi, durante séculos, meramente passiva: sua existência política era nula. Estávamos num grau ainda mais baixo que a servidão e, por isso, com maiores dificuldades para elevarmo-nos ao gozo da liberdade. Permita-me V. S.^a estas considerações para estabelecer a questão. Os Estados são escravos pela natureza da sua Constituição ou pelo abuso dela. Logo, um povo é escravo quando o governo, por sua essência ou por seus vícios, espezinha e usurpa os direitos do cidadão ou súdito. Aplicando estes princípios, veremos que a América estava privada da sua liberdade e também da tirania ativa e dominante. Explico-me. Nas administrações absolutas não se reconhecem limites no exercício das faculdades governativas: a vontade do grande sultão, do câ, do bei e de outros soberanos despóticos é a lei suprema e esta é quase arbitrariamente executada pelos paxás, câs e sátrapas subalternos da Turquia e Pérsia, que organizam a opressão da qual participam os súditos em razão da autoridade que se lhes confia. A eles está encarregada a administração civil, militar e política, de rendas e a religião. Mas, ao fim, são persas os chefes do Ispahan, são turcos os visires do grão-senhor, são tártaros os sultões da Tartária. A China não pensa em buscar mandatários militares e letrados no país de Gengis Khan, que a conquistou, apesar de serem os atuais chineses descendentes diretos dos subjugados pelos ascendentes dos atuais tártaros.

Quão diferente era entre nós! Humilhava-se-nos com uma conduta que, além de privar-nos dos direitos que nos cabiam, nos deixava numa espécie de infância permanente com respeito às transações públicas. Se tivéssemos pelo menos manejado nossos assuntos domésticos em nossa administração interior, conheceríamos o curso dos negócios públicos e o seu mecanismo, e usufruiríamos também da consideração pessoal que impõe aos olhos do povo certo respeito inconsciente que é tão necessário preservar nas revoluções. Eis aqui por que eu disse que estávamos privados até da tirania ativa, pois que não nos era permitido exercer suas funções.

Os americanos, no sistema espanhol que está em vigor e talvez com maior força do que nunca, não ocupam outro lugar na sociedade senão o de servos próprios para o trabalho ou, quando muito, o de simples consumidores; e ainda esta parte, limitada com restrições chocantes:

tais são as proibições de cultivo de frutos da Europa, o estanco das produções que o rei monopoliza, o impedimento das fábricas que a península mesma não possui, os privilégios exclusivos do comércio até dos objetos de primeira necessidade, os entraves existentes entre as províncias americanas, para que não se correspondam, não entrem em entendimento nem negociem; enfim, quer V. S.^a saber qual era nosso destino? os campos de cultivar o anil, o trigo, o café, a cana, o cacau e o algodão; as planícies solitárias para criar gado, os desertos para caçar animais ferozes, as entranhas da terra para extrair o ouro que não pode saciar essa nação avarenta.

Tão negativo era nosso estado que não encontro semelhante em nenhuma outra associação civilizada, por mais que percorra a série das idades e a política de todas as nações. Pretender que uma região constituída de modo tão feliz, extensa, rica e populosa seja meramente passiva, não é um ultraje e uma violação dos direitos da humanidade?

Estávamos, como acabo de expor, isolados, e, digamos assim, ausentes do universo no que diz respeito à ciência do governo e à administração do Estado. Jamais éramos vice-reis, nem governadores, a não ser muito excepcionalmente; arcebispos e bispos, poucas vezes; diplomatas, nunca; militares, apenas na qualidade de subalternos; nobres, sem privilégios reais; não éramos, finalmente, nem magistrados, nem financistas e quase que nem ainda comerciantes; tudo em contravenção direta de nossas instituições.

O imperador Carlos V estabeleceu um pacto com os descobridores, conquistadores e povoadores da América, que, como disse Guerra, é nosso contrato social. Os reis da Espanha o estabeleceram solenemente com os descobridores para que o executassem por sua conta e risco, proibindo-os de fazê-lo à custa da Fazenda Real e, por esta razão, os autorizava a serem senhores da terra, a organizarem a administração e a exercerem o direito de julgar a apelação, com muitas outras isenções e privilégios que seria prolixo detalhar. O rei comprometeu-se a não alienar jamais as províncias americanas; a ele não tocava outra jurisdição que não a do alto domínio, sendo uma espécie de propriedade feudal a que ali detinham os conquistadores, para si e para seus descendentes. Existem, ao mesmo tempo, leis expressas que favorecem quase que exclusivamente os naturais dos países originários da Espanha no que concerne aos empregos civis, eclesiástico e de rendas. De maneira que, com uma violação expressa das leis e dos pactos subsistentes, viram-se aqueles naturais despojados da autoridade constitucional que lhes outorgava seu código.

De tudo que referi será fácil concluir que a América não estava preparada para separar-se da Metrópole, como ocorreu abruptamente, por efeito das ilegítimas cessões de Bayonne e pela iníqua guerra que a

regência nos declarou, sem direito algum para tanto, não apenas pela ausência de justiça como, também, de legitimidade. Sobre a natureza dos governos espanhóis, seus decretos cominatórios e hostis e todo o desenvolvimento de sua desesperada conduta há escritos do maior mérito no periódico *El Español*, cujo autor é o senhor Blanco, e por estar aí muito bem tratada esta parte da nossa história, limito-me apenas a indicá-lo.

Os americanos tiveram, de repente e sem os conhecimentos prévios — e, o que é mais sensível, sem a prática dos negócios públicos —, de representar no teatro do mundo as eminentes dignidades de legisladores, magistrados, administradores do erário, diplomatas, generais e todas aquelas autoridades superiores e subalternas que formam a hierarquia de um Estado organizado com regularidade.

Quando as águias francesas respeitaram apenas os muros da cidade de Cádiz e, com seu vôo, levaram de roldão os frágeis governos da península, aí então nos vimos na orfandade. Antes já havíamos sido entregues à mercê de um usurpador estrangeiro; depois, lisonjeados com a justiça que nos era devida e com esperanças atraentes, sempre bur-ladas; por último, incertos sobre nosso destino e futuro e ameaçados pela anarquia, por ausência de um governo legítimo, justo e liberal, precipitamo-nos no caos da revolução. No primeiro momento cuidou-se apenas de estabelecer a segurança interior contra os inimigos que se encontravam entre nós. A seguir providenciou-se a segurança exterior; erigiram-se autoridades que substituísem as que acabávamos de depor e se encarregassem de dirigir a nossa revolução e de aproveitar a conjuntura feliz em que fosse possível estabelecer um governo constitucional, digno do presente século e adequado à nossa situação.

Todos os novos governos registraram entre suas primeiras medidas o estabelecimento de juntas populares. Estas elaboraram em seguida regulamentos para a convocação de congressos que produziram alterações importantes. A Venezuela erigiu um governo democrático e federal, declarando previamente os direitos do homem, mantendo o equilíbrio dos poderes e estatuinto leis gerais em favor da liberdade civil, de imprensa e outras; finalmente, constituiu-se um governo independente. A Nova Granada seguiu uniformemente os procedimentos políticos e todas as reformas que fez a Venezuela, estabelecendo como base fundamental de sua Constituição o sistema federal mais radical que jamais existiu; recentemente aperfeiçoou-se no tocante ao poder executivo geral, ~~que obteve todas as atribuições que lhe correspondem.~~ Segundo sei, Buenos Aires e Chile seguiram esta mesma linha de operações, mas, como nós achamos a tanta distância, os documentos são tão raros e as notícias tão inexatas, não me animarei nem mesmo a esboçar um quadro de seus procedimentos.

Os acontecimentos do México foram demasiadamente variados, complicados, rápidos e infelizes para que se possa acompanhar o desenvolvimento de sua revolução. Carecemos, além do mais, de documentos suficientemente instrutivos, que nos tornem capazes de julgá-los. Os independentes do México, pelo que sabemos, iniciaram sua insurreição em setembro de 1810 e um ano depois já tinham centralizado seu governo em Zitácuaro e instalado ali uma junta nacional, sob os auspícios de Fernando VII, em cujo nome eram exercidas as funções governativas. Devido à guerra, esta junta transferiu-se para diferentes lugares e é verossímil que se tenha conservado até estes últimos momentos, com as modificações que os acontecimentos exigiram. Diz-se que criou um generalíssimo ou ditador, que é o ilustre general Morelos; outros falam do célebre general Rayón; o certo é que um destes grandes homens, ou ambos separadamente, exercem a autoridade suprema naquele país; recentemente surgiu uma Constituição para o regime do Estado. Em março de 1812, o governo residente em Zultepec apresentou um plano de paz e guerra ao vice-rei do México, concebido com a mais profunda sabedoria. Nele reclamou-se o direito das gentes, estabelecendo princípios de uma exatidão incontestável. Propôs a junta que a guerra se fizesse como se fora entre irmãos e concidadãos, pois não devia ser mais cruel do que a guerra entre nações estrangeiras; que os direitos das gentes e de guerra, invioláveis mesmo para os infiéis e bárbaros, deviam sê-lo mais para os cristãos, sujeitos a um soberano e às mesmas leis; que os prisioneiros não fossem tratados como réus de lesa-majestade nem se degolassem os que entregavam as armas, mas que fossem mantidos como reféns para trocá-los; que não se entrasse a sangue e fogo nas povoações pacíficas, que não se as dizimasse nem quintasse para sacrificá-las; e concluía dizendo que, no caso de não ser admitido este plano, se observariam rigorosamente as represálias. Esta negociação foi tratada com o mais alto desprezo; não se deu resposta à junta nacional; as comunicações originais queimaram-se publicamente na praça do México, pela mão do verdugo, e a guerra de extermínio prosseguiu por parte dos espanhóis com o furor costumeiro, enquanto os mexicanos e as outras nações americanas não a faziam nem mesmo com a morte dos prisioneiros de guerra que fossem espanhóis. Observa-se aqui que, por conveniência, conservou-se a aparência de submissão ao rei e à Constituição da monarquia. Parece que a junta nacional é absoluta no exercício das funções legislativas, executivas e judiciais, sendo muito limitado o número de seus membros.

Os acontecimentos de Terra Firme nos provaram que as instituições verdadeiramente representativas não são adequadas ao nosso caráter, costumes e conhecimentos atuais. Em Caracas, o espírito de partido teve sua origem nas sociedades, assembléias e eleições populares, e estes partidos nos levaram à escravidão. Assim como a Venezuela tem sido a

república americana que mais tem aperfeiçoado suas instituições políticas, também tem sido o mais claro exemplo da ineficácia da forma democrática e federal para nossos nascentes Estados. Em Nova Granada, os excessivos poderes dos governos provinciais e a falta de centralização no geral, conduziram aquele precioso país ao estado a que se vê reduzido nos dias de hoje. Por esta razão, contra todas as probabilidades, seus débeis inimigos mantêm-se atuantes. Enquanto nossos compatriotas não adquirirem os talentos e as virtudes políticas que distinguem os nossos irmãos do norte, temo que os sistemas inteiramente populares, longe de nos serem favoráveis, venham a ser nossa ruína. Infelizmente estas qualidades, na medida requerida, parecem estar muito distantes de nós; pelo contrário, estamos dominados pelos vícios que se contraem sob a direção de uma nação como a espanhola, que apenas se tem sobressaído em crueldade, ambição, vingança e cobiça.

"É mais difícil", diz Montesquieu, "tirar um povo da servidão do que subjugar um livre". Esta verdade está comprovada nos anais de todas as eras, que demonstram ser maior o número de nações livres que foram submetidas ao jugo do que o de nações escravas que recobram sua liberdade. Apesar desta convicção, os meridionais deste continente manifestaram o propósito de atingir instituições liberais e mesmo perfeitas, sem dúvida, como efeito do instinto que têm todos os homens de aspirar à melhor felicidade possível — a que se alcança, infalivelmente, nas sociedades civis, quando elas estão erigidas sobre as bases da justiça, da liberdade e da igualdade. Mas, seremos capazes de manter em seu verdadeiro equilíbrio a difícil carga de uma república? Pode-se conceber que um povo recentemente liberto lance-se à esfera da liberdade sem que, como Ícaro, se lhe desfaçam as asas e caia no abismo? Tal prodígio é inconcebível, nunca visto. Consequentemente, não há um raciocínio verdadeiro que nos embale com esta esperança.

Eu desejo, mais do que qualquer outro, ver formar-se na América a maior nação do mundo, menos por sua extensão e riquezas do que pela sua liberdade e glória. Ainda que aspire à perfeição do governo de minha pátria, não posso persuadir-me de que o Novo Mundo seja, no momento, regido por uma grande república; como é impossível, não me atrevo a desejá-lo e menos ainda desejo uma monarquia universal da América, porque este projeto, sem ser útil, é também impossível. Os abusos que atualmente existem não se reformariam e nossa regeneração seria infrutífera. Os Estados americanos têm necessidade dos cuidados de governos paternos que curem as chagas e as feridas do despotismo e da guerra. A metrópole, por exemplo, seria o México, que é a única que pode sê-lo pelo seu poder intrínseco, sem o qual não há metrópole. Suponhamos que fosse o istmo do Panamá o ponto central de todos os extremos deste vasto continente — não continuariam estes na passividade e mesmo na desordem atual? Para que um único

governo dê vida, ânimo, ponha em ação todos os recursos da prosperidade pública, corrija, ilustre e aperfeiçoe o Novo Mundo, seria necessário que tivesse os poderes de um deus e, quando menos, as luzes e as virtudes de todos os homens.

O espírito de partido que no momento agita nossos Estados se acenderia então com maior rancor, estando ausente a fonte do poder, a única que pode reprimi-lo. Além do mais, os poderosos das capitais não sofreriam a preponderância dos metropolitanos, aos quais considerariam como tantos outros tiranos: sua inquietação chegaria ao ponto de compará-los aos odiosos espanhóis. Finalmente, tal monarquia seria um colosso disforme, que com o próprio peso, ao menor abalo, se desmoronaria.

M. de Pradt sabiamente dividiu a América em quinze ou dezessete Estados independentes entre si, governados por outros tantos monarcas. Estou de acordo com a primeira parte, pois a América comporta a criação de dezessete nações; quanto à segunda, embora seja mais fácil consegui-la, é menos útil; sendo assim, não sou da opinião das monarquias americanas. Aqui vão minhas razões: bem compreendido, o interesse de uma república circunscreve-se à esfera de sua preservação, prosperidade e glória. Não exercendo a liberdade com sentido imperialista, porque é precisamente o seu oposto, nenhum estímulo excita os republicanos a estenderem os termos de sua nação em detrimento do próprio meio, visando, unicamente, tornar seus vizinhos partícipes de uma Constituição liberal. Nenhum direito adquirem, nenhuma vantagem obtêm vencendo-os, a menos que os reduzam a colônias, conquistas ou aliados, seguindo o exemplo de Roma. Máximas e exemplos tais estão em oposição direta aos princípios de justiça dos sistemas republicanos; mais direi, em oposição manifesta aos interesses de seus cidadãos, porque um Estado demasiado extenso em si mesmo ou por suas dependências, ao final entra em decadência e converte sua forma livre em tirânica, relaxa os princípios que devem conservá-la, ocorrendo, por último, o despotismo. O distintivo das pequenas repúblicas é a permanência, o das grandes é variado, mas sempre se inclina ao império. Quase todas as primeiras tiveram uma longa duração; das segundas apenas Roma manteve-se alguns séculos, mas tal ocorreu porque era república a capital e não o era o resto de seus domínios, que se governavam por leis e instituições diferentes.

Bastante contrária é a política de um rei, cuja inclinação constante dirige-se para o aumento de suas posses, riquezas e poderes — com razão, porque sua autoridade cresce com estas aquisições, tanto em relação aos seus vizinhos, como aos seus próprios vassallos, que temem nele um poder tão formidável quanto seu império, que se conserva por meio da guerra e das conquistas. Por estas razões, penso que os

americanos ansiosos de paz, ciências, artes, comércio e agricultura prefeririam as repúblicas aos reinos; parece-me que estes desejos estão de acordo com as intenções da Europa.

Não concordo no sistema federal com o caráter popular e representativo por ser demasiado perfeito e exigir virtudes e talentos políticos muito superiores aos nossos; por igual razão recuso a monarquia mista de aristocracia e democracia, que tanta fortuna e esplendor propiciou à Inglaterra. Não nos sendo possível obter entre as repúblicas e monarquias o mais perfeito e acabado, evitemos cair em anarquias demagógicas ou em tiranias monocratas. Busquemos um meio entre extremos opostos, os quais nos conduziriam aos mesmos escolhos, à infelicidade e à desonra. Vou arriscar o resultado das minhas cavilações sobre o destino futuro da América: não a melhor mas a que seja mais viável.

Pela natureza dos lugares, riquezas, povoações e caráter dos mexicanos, imagino que tentarão de início estabelecer uma república representativa, na qual tenha grandes atribuições o poder executivo, concentrando-o num indivíduo que, ao desempenhar suas funções com acerto e justiça, quase naturalmente virá a conservar vitaliciamente sua autoridade. Se sua incapacidade ou violenta administração provocar uma comoção popular que triunfe, este mesmo poder executivo possivelmente se difundirá numa assembléia. Se o partido preponderante é militar ou aristocrático, provavelmente exigirá uma monarquia que, de início, será limitada e constitucional, e, depois, inevitavelmente desbordará em absoluta; pois devemos convir em que nada mais difícil há na ordem política do que a preservação de uma monarquia mista; é preciso também convir em que apenas um povo tão patriota como o inglês é capaz de conter a autoridade de um rei e de sustentar o espírito de liberdade sob um cetro e uma coroa.

Os Estados do istmo, do Panamá à Guatemala, talvez formem uma associação. Esta magnífica posição entre os dois grandes mares poderá ser, com o tempo, o empório do universo; seus canais encurtarão as distâncias do mundo e estreitarão os laços comerciais entre a Europa, a América e a Ásia; carrearão para tão feliz região os tributos das quatro partes do globo. Ali, e apenas ali, poderá fixar-se algum dia a capital da terra, como Constantino pretendeu para Bizâncio a do antigo hemisfério!

A Nova Granada unir-se-á à Venezuela, se chegarem a concordar em formar uma república central, cuja capital seja Maracaibo, ou uma nova cidade que, com o nome de Las Casas, em honra deste herói da filantropia, funde-se entre os limites de ambos os países, no soberbo porto de Bahía-honda. Esta posição, embora desconhecida, por todos os aspectos é mais vantajosa. Seu acesso é fácil, e sua situação tão privilegiada, que pode fazer-se inexpugnável. Possui um clima puro e saudável, um território próprio tanto para a agricultura quanto para a pecuária e uma

grande abundância de madeiras de construção. Os selvagens que a habitam seriam civilizados e nossas posses aumentariam com a aquisição da Goagira. Esta nação se chamaria Colômbia, em tributo de justiça e de gratidão ao criador de nosso hemisfério. Seu governo poderá imitar o inglês, com a diferença de que, em lugar de um rei, haverá um poder executivo eleito, quando muito vitalício, jamais hereditário, se se quiser república; uma câmara ou senado legislativo hereditário, que nas tempestades políticas se interponha entre as ondas populares e os raios do governo, e um corpo legislativo, de livre eleição, sem outras restrições que as da câmara baixa da Inglaterra. Esta constituição participaria de todas as formas e eu desejo que não participe de todos os vícios. Como esta é minha pátria, tenho o incontestável direito para desejar-lhe o que, na minha opinião, é melhor. É bem possível que a Nova Granada não concorde no reconhecimento de um governo central, porque está muito inclinada à federação; então formará por si só um Estado que, se subsistir, poderá ser muito feliz pelos grandes recursos de toda espécie.

Pouco sabemos das opiniões que prevalecem em Buenos Aires, Chile e Peru, julgando pelo que transparece e pelas aparências, em Buenos Aires haverá um governo central, em que os militares ocuparão a primazia em consequência de suas divisões intestinas e guerras externas. Esta constituição degenerará necessariamente numa oligarquia, ou uma monocracia com mais ou menos restrições, cuja denominação ninguém pode adivinhar. Seria doloroso que tal coisa sucedesse, porque aqueles habitantes são credores da mais esplendorosa glória.

O reino do Chile está destinado, pela natureza da sua situação, pelos costumes inocentes e virtuosos de seus moradores, pelo exemplo dos seus vizinhos — os bravos republicanos do Arauco — a gozar das bênçãos que derramam as justas e doces leis de uma república. Se alguma houverá de permanecer longo tempo na América, inclino-me a pensar que será a chilena. Jamais se extinguiu ali o espírito da liberdade; os vícios da Europa e da Ásia chegarão tarde ou nunca a corromper os costumes daquele extremo do universo. Seu território é limitado; sempre estará fora do contato corruptível do resto dos homens; não alterará suas leis, usos e práticas; preservará sua uniformidade em opiniões políticas e religiosas; numa palavra, o Chile pode ser livre.

O Peru, pelo contrário, contém dois elementos inimigos de todo regime justo e liberal: ouro e escravos. O primeiro a tudo corrompe; o segundo está corrompido por si mesmo. A alma de um servo rara vez chega a apreciar a plena liberdade: enfurece-se nos tumultos ou humilha-se nos grilhões.

Ainda que estas regras sejam aplicáveis a toda a América, acredito que, com mais justiça as merece Lima pelos conceitos que expus e pela cooperação que prestou a seus senhores contra seus próprios irmãos,

os ilustres filhos de Quito, Chile e Buenos Aires. É corrente que aquele que aspira a obter a liberdade pelo menos o tenta. Suponho que em Lima os ricos não tolerarão a democracia, nem os escravos e os pardos libertos, a aristocracia: os primeiros preferirão a tirania de um só, para não sofrer as perseguições tumultuosas e para estabelecer uma ordem pelo menos pacífica. Muito fará se conseguir recobrar sua independência.

De todo o exposto, podemos deduzir estas conseqüências: as províncias americanas lutam por emancipar-se; ao final obterão o sucesso; algumas se constituirão de forma regular em repúblicas federais e centralizadas; fundar-se-ão monarquias quase inevitavelmente nas grandes secções e algumas serão tão infelizes que devorarão seus elementos, seja na atual, seja em futuras revoluções; uma grande monarquia não será fácil consolidar, uma grande república, impossível.

É uma idéia grandiosa pretender formar de todo o Novo Mundo uma única nação com um único vínculo que ligue as partes entre si e com o todo. Já que tem uma só origem, uma só língua, mesmos costumes e uma só religião, deveria, por conseguinte, ter um só governo que confederasse os diferentes Estados que haverão de se formar; mas tal não é possível, porque climas remotos, situações diversas, interesses opostos e caracteres dessemelhantes dividem a América. Que belo seria que o istmo do Panamá fosse para nós o que o de Corinto é para os gregos! Oxalá que algum dia tenhamos a felicidade de instalar ali um augusto congresso dos representantes das repúblicas, reinos e impérios, para tratar e discutir sobre os altos interesses da paz e da guerra com as nações das outras três partes do mundo. Esta espécie de corporação poderá ter lugar em alguma época feliz da nossa regeneração; outra esperança é infundada, semelhante àquela do abade St. Pierre, que concedeu o louvável delírio de reunir um congresso europeu para decidir da sorte e dos interesses daquelas nações.

“Mutações importantes e felizes”, continua V. S.^a, “podem ser freqüentemente produzidas por atos individuais”. Os americanos meridionais têm uma tradição que diz que quando Quetzalcoatl, o Hermes-Buda da América do Sul, renunciou a sua administração e os abandonou, prometeu-lhes que voltaria depois que os séculos designados tivessem passado e que restabeleceria seu governo e renovaria sua felicidade. Esta tradição não ensina e estimula uma convicção de que muito breve deve voltar? Concebe V. S.^a qual será o efeito que produzirá, se um indivíduo, aparecendo entre eles, mostrasse os caracteres de Quetzalcoatl, o Buda do bosque, ou Mercúrio, do qual têm falado tanto as outras nações? Não crê V. S.^a que isto inclinaria todas as partes? Não é a união tudo o que se necessita para colocá-los em condições de expulsar os espanhóis, suas tropas e os partidários da corrompida Espanha, para torná-los capazes de estabelecer um império poderoso, com um governo livre e teís benévolas?

Penso, como V. S.^a, que causas individuais podem produzir resultados gerais, sobretudo nas revoluções. Mas não é o herói, o grande profeta, o deus de Anahuac, Quetzalcoatl, o que será capaz de realizar os prodigiosos benefícios que V. S.^a propõe. Esta personagem é conhecida apenas pelo povo mexicano e não de maneira privilegiada, pois tal é a sorte dos vencidos, mesmo que sejam deuses. Somente os historiadores e literatos ocuparam-se cuidadosamente em investigar sua origem, sua verdadeira ou falsa missão, suas profecias e o fim da sua carreira. Discute-se se foi um apóstolo de Cristo ou antes um pagão. Supõem uns que seu nome quer dizer Santo Tomás; outros, Serpente Emplumada; outros ainda, que é o famoso profeta de Yucatán, Chilan-Cambal. Numa palavra, a maioria dos autores mexicanos, polemistas e historiadores profanos trataram, com maior ou menor extensão, a questão sobre o verdadeiro caráter de Quetzalcoatl. O fato é, segundo afirma Acosta, que ele estabeleceu uma religião, cujos ritos, dogmas e mistérios possuíam uma admirável afinidade com a de Jesus, sendo, talvez, a mais semelhante a ela. Não obstante isto, muitos escritores católicos procuraram afastar a idéia de que este profeta tenha sido verdadeiro, sem reconhecer nele um Santo Tomás, como o afirmam outros célebres autores. A opinião geral é que Quetzalcoatl foi um legislador divino entre os povos pagãos do Anahuac, do qual era lugar-tenente o grande Montezuma, dele derivando sua autoridade. Infere-se daqui que nossos mexicanos não seguiriam o pagão Quetzalcoatl, mesmo que aparecesse sob as mais idênticas e favoráveis formas, de vez que professam uma religião mais intolerante e exclusiva do que as outras.

Felizmente, os responsáveis pela independência do México aproveitaram-se do fanatismo da melhor maneira, proclamando a famosa virgem de Guadalupe como rainha dos patriotas, invocando-a em todas as árduas situações e transportando-a em seus estandartes. Com isto o entusiasmo político mesclou-se com a religião, produzindo um veemente fervor pela sagrada causa da liberdade. No México, a veneração a esta imagem é superior à mais exaltada que pudesse inspirar o mais sagaz profeta.

É a união seguramente o que nos falta para completarmos a obra de nossa regeneração. Entretanto, nossa divisão não é estranha, porque tal é o distintivo das guerras civis geralmente formadas entre dois partidos: *conservadores* e *reformadores*. Os primeiros são, em geral, mais numerosos, porque o domínio da tradição produz como resultado a obediência às autoridades estabelecidas; os últimos são sempre menos numerosos, embora mais veementes e ilustrados. Deste modo a massa física equilibra-se com a força moral e a contenda prolonga-se, sendo seus resultados muito incertos. Por sorte, entre nós, a massa seguiu a inteligência.

Eu direi a V. S.^a o que pode nos colocar em condições de expulsar os espanhóis e de fundar um governo livre: é a união, certamente; e esta união não nos virá por milagres divinos mas por efeitos concretos e esforços bem-dirigidos. A América defronta-se consigo mesma, porque foi abandonada por todas as nações, isolada no meio do universo, sem relações diplomáticas nem auxílios militares, e combatida pela Espanha, que possui mais elementos para a guerra do que quantos nós possamos furtivamente adquirir.

Quando as vitórias não estão garantidas, quando o Estado é fraco e quando os empreendimentos são remotos, todos os homens vacilam, as opiniões dividem-se, as paixões as agitam e os inimigos as incentivam para triunfar por este fácil meio. Tão logo sejamos fortes, sob os auspícios de uma nação liberal que nos empreste sua proteção, se nos verá concordes em cultivar as virtudes e os talentos que conduzem à glória; então, seguiremos a marcha majestosa em direção às grandes prosperidades para as quais a América meridional está destinada; então, as ciências e as artes que nasceram no Oriente e que ilustraram a Europa dirigir-se-ão à Colômbia livre, que as acolherá em seu regaço.

Tais são, senhor, as observações e pensamentos que tenho a honra de submeter a V. S.^a para que os retifique ou reprove, conforme seu mérito, suplicando que se convença de que me atrevi a expô-los mais para não ser descortês do que por me crer capaz de ilustrar a V. S.^a na matéria.

Sou de V. S.^a etc., etc., etc.

Bolívar

Carta ao general Juan José Flores *

Barraquilla, 9 de novembro de 1830.

A S. Ex.^a o General Juan José Flores

Meu querido General:

V. Ex.^a sabe que governei durante vinte anos e deles tirei apenas poucos resultados certos: 1.º) a América é ingovernável para nós; 2.º) aquele que serve a uma revolução ara no mar; 3.º) a única coisa que se pode fazer na América é emigrar; 4.º) este país cairá infalivelmente em mãos da multidão desenfreada, para depois passar a pequenos tiranos quase imperceptíveis, de todas as cores e raças; 5.º) devorados por todos os crimes e extintos pela ferocidade, os europeus não se dignarão a nos conquistar; 6.º) se fosse possível que uma parte do mundo voltasse ao caos primitivo, este seria o último período da América.

A primeira revolução francesa degolou as Antilhas e a segunda causará o mesmo efeito neste vasto continente. A súbita reação da ideologia exagerada vai nos encher de tantos males quanto nos faltavam, ou melhor, os vão completar. V. Ex.^a verá que todo o mundo vai se entregar à torrente da demagogia, e desgraçados dos povos! e desgraçados dos governos!

[...]

Bolívar

* Reproduzido de BOLÍVAR, Simón. *Obras completas*. v. III, p. 501-2.